

Dimensões dos letramentos literários através de contação de histórias em comunidades indígenas

Luciana Fidelis de Souza da Costa

Aline Coêlho dos Santos

Adriana Fischer

RESUMO:

Este artigo apresenta dimensões educativas dos letramentos literários, por meio de contação de histórias realizadas em comunidades indígenas. As práticas apresentadas e analisadas compuseram o trabalho de uma professora de biologia durante o Projeto Rondon/Operação Tuiuiú, nas aldeias indígenas pertencentes ao povo Nambikwara, no município de Comodoro (MT). O estudo teve como objetivo compreender as dimensões educativas presentes nas práticas com literaturas por meio das contações de histórias realizadas nessas comunidades. As obras literárias exploradas na contação de histórias foram: *Menina Bonita do Laço de Fita*, de Ana Maria Machado (1986), e *A Promessa do Girino*, de Jeanne Willis (2004). Este estudo possui uma abordagem qualitativa e se desenvolve por meio de análise documental realizada nos relatórios de atividade diária feitos pela professora, no projeto de planejamento da universidade participante do edital, no relato de experiência da professora e nos registros fotográficos do período da expedição. A proposição deste estudo insere-se nas dimensões dos letramentos literários como veiculadores de práticas sociais, tendo como aporte teórico os novos estudos de letramento (STREET, 2014; 2000) com foco em práticas com literaturas na educação literária (AZEVEDO; BALÇA, 2016) e nos letramentos literários (COSSON, 2012). Evidenciam-se no estudo três dimensões educativas presentes nos letramentos literários: (a) conhecimento; (b) criação; (c) sistematização nas práticas com literaturas, compreendendo que as literaturas são objetos potencializadores e veiculadores de educação transformadora, pois promovem oportunidades de aprendizagem crítica e reflexiva e estreitam laços entre culturas.

Palavras-chave: Letramentos. Práticas com literaturas. Contação de histórias.

ABSTRACT:

This article presents educational dimensions of literary literacies through storytelling carried out in indigenous communities. The practices, presented and analyzed were carried out by a biology teacher during the Rondon Project/Operação Tuiuiú, in indigenous villages belonging to the Nambikwara people in the municipality of Comodoro (MT). This study aimed to understand the educational dimensions present in the practices with literatures through the telling of stories carried out in these communities. The literary works explored in storytelling were: *Menina Bonita do Laço de Fita*, by Ana Maria Machado (1986), and *A Promessa do Girino*, by Jeanne Willis (2004). This study has a qualitative approach and is developed through document analysis carried out in the daily activity reports made by the teacher, in the planning project of the university participating in the public notice, in the teacher's experience report and in the photographic records of the period of expedition. The proposition of this study is part of the dimensions of literary literacies as carriers of social practices, having as theoretical support the new literacy studies (STREET, 2014; 2000) with focus on practices with literatures in literary education (AZEVEDO; BALÇA, 2016) and in literary literacies (COSSON, 2012). This study highlights three educational dimensions present in literary literacies: (a) knowledge; (b) creation; (c) systematization in the practices with literacies, and understanding that literature are potentiating objects and vehicles for transforming education as they promote critical and reflective learning opportunities and strengthen ties between cultures.

Keywords: Literacies. Practices with literature. Storytelling.

INTRODUÇÃO

A linguagem é considerada uma produção da humanidade constituída, portanto, como uma prática social por meio da comunicação, expressão e compreensão. Na linguagem, o sujeito edifica sua trajetória nas relações sociais, indo além de sua dimensão comunicativa (BAKHTIN, 1988). Nesse segmento, o presente estudo adentra o universo das linguagens através das atividades de contação de histórias, realizadas em aldeias indígenas, como forma de explorar o letramento literário como prática educativa.

Embora as contações de histórias ainda sejam muito vistas como formas de entretenimento e distração, elas destacam-se no âmbito educacional por conta do seu potencial pedagógico. O ato de contar histórias, por exemplo, influi diretamente na ampliação do vocabulário e no estabelecimento de relações entre os sujeitos envolvidos no processo de construção de conhecimentos. Como afirma Abramovich (1995, p. 17) “[...] é através de uma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica. É ficar sabendo história, geografia, filosofia, política, sociologia, sem precisar saber o nome disso”.

Dentro de tal contexto, este artigo apresenta as vivências de momentos de contação de histórias efetuadas em comunidades indígenas, pertencentes ao povo Nambikwara, das aldeias Mutum e Cabeceira, localizadas na região de cerrado, no município de Comodoro (MT), tendo como objeto de estudo o letramento literário

como uma prática educativa nessas comunidades.

As práticas de letramentos com literaturas, além de contribuírem de forma fundamental para a escrita, permitem viabilizar potencialidades de modo singular dentre as atividades humanas. Possibilitam a exploração de um mundo reconstruído pela força da palavra, assegurando a promoção de uma educação literária. Trata-se da necessidade de levar, em primeiro lugar, a fruição de uma experiência estética com a literatura (BALÇA, COSTA, 2017).

Nesse sentido, é importante destacar que práticas de letramentos com literaturas desenvolvidas neste estudo se fundamentam no modelo ideológico de letramento, idealizado por Street (2014). O autor relaciona as práticas sociais de oralidade e escrita, considerando que há uma interação íntima entre elas, uma sobreposição, e que, dependendo do contexto comunicacional, recorre-se à modalidade que melhor se relaciona com o usuário da linguagem (STREET, 2014).

As práticas de letramentos não estão relacionadas estritamente à escolarização, conforme salienta Soares (2006, p. 37), ao abordar que os estudos sobre letramento – ao apontarem que indivíduos ou grupos sociais que se envolvem com práticas sociais de leitura e escrita sofrem consequências sociais – não estão fazendo referência propriamente ao ato “de mudar de nível ou de classe social, cultural, mas de mudar seu lugar social, seu modo de viver na sociedade, sua inserção na cultura – na sua relação com os outros, com o contexto,

com os bens culturais”. Logo, “aprender letramento” não é mudar de nível no que se refere à classe social, conhecimento ou cultura, mas perceber como esse processo concebe o letramento como prática social, a fim de ampliar as capacidades comunicativas.

Dessa forma, este estudo contempla a literatura e suas práticas de letramento como recurso chave de comunicação e educação. As práticas de letramento com literaturas em comunidades indígenas aqui apresentadas efetivaram-se por meio de ações educativas, e foram realizadas por uma professora de biologia, uma das autoras deste manuscrito, participante no Projeto Rondon/Operação Tuiuiú. Essa professora esteve sob regime de 160 horas dedicadas à educação e à saúde em espaços não formais no município de Comodoro (MT), dentre eles as aldeias indígenas pertencentes ao povo Nambikwara.

Portanto, a investigação realizada tem como objetivo geral compreender as dimensões pedagógicas das práticas de letramento com literaturas, a partir das contações de histórias realizadas em comunidades indígenas Nambikwara. Desse modo, o estudo se desenvolve através da análise documental: nos relatórios de atividade diária feitos pela professora – atividade obrigatória; no projeto de planejamento da universidade participante do edital; no relato de experiência da professora; e nos registros fotográficos realizados pela professora no período da expedição.

Para uma melhor exploração do estudo, este trabalho está organizado em

cinco seções. Nas seções seguintes, são evidenciados: (a) os caminhos metodológicos percorridos; (b) os estudos sobre letramentos literários, como fundamentação teórica basilar; (c) a apresentação e discussão dos resultados, através de um olhar crítico acerca dos documentos explorados, no intuito de responder ao seguinte problema de pesquisa: Que dimensões pedagógicas são identificadas nas práticas de letramento literário a partir da contação de histórias realizadas em comunidades indígenas Nambikwara?

CAMINHOS METODOLÓGICOS PERCORRIDOS

Este estudo analisa as vivências e experiências de uma professora, rondonista na operação Tuiuiú, que fez uso de práticas de letramento literário em comunidades indígenas, para tratar de temas referentes à saúde e ao meio ambiente, desenvolvendo, dessa forma, a interação social por meio da linguagem oral e escrita. Portanto, o estudo possui abordagem qualitativa, de caráter descritivo, constituindo-se por meio da análise documental (BARDIN, 2021).

A abordagem qualitativa centraliza-se em elementos da realidade que não podem ser quantificados, focalizando na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais (LÜDKE; ANDRÉ, 2013). Além disso, é descritiva, pois busca-se, através de exploração investigativa, descrever as dimensões pedagógicas percebidas nas práticas de letramentos com literaturas, identificadas através da análise documental

(relatórios diários, fotografias e planejamento pessoal da professora investigada) (TRIVIÑOS, 1987).

Nesse caminho, este estudo: (i) realizou um levantamento bibliográfico sobre letramento literário em ações de intervenção e como práticas sociais; (ii) analisou três tipos de documentos: o planejamento das práticas realizadas – previstas em projeto preliminar, o registro diário feito pela professora durante a operação e os registros fotográficos; e; (iii) apresentou um estudo sobre as literaturas exploradas durante as ações educativas, são elas: (a) *Menina Bonita do Laço de Fita*, de Ana Maria Machado (1986), e (b) *A Promessa do Girino*, de Jeanne Willis (2004). Por fim, realizou-se a identificação de dimensões educativas presentes nas práticas de letramento literário, por meio das atividades de contação de história.

CARACTERIZAÇÃO DO PROJETO E POPULAÇÃO ABORDADOS NESSE ESTUDO

O Projeto Rondon é um movimento humanitário, uma iniciativa interministerial do Governo Federal do Brasil, coordenada pelo Ministério da Defesa, que teve seu início em 1967, no intuito de levar jovens universitários a regiões carentes do Brasil para atuar em estratégias educativas, contribuindo para o desenvolvimento social e econômico das regiões mais vulneráveis do país (RONDON, 2022). As ações educativas efetuadas são analisadas e refletidas pelas universidades de todo Brasil, à luz de

situações-problemas de determinados municípios, que são contemplados em edital, publicados pelo ministério da defesa com objetivo de receber propostas de intervenção dessas instituições de ensino superior.

O município de Comodoro (MT) foi um dos contemplados pelo Projeto Rondon, por duas razões: (a) ser um município recém-emancipado e em crescimento potencial, e (b) por possuir maior parte de suas terras protegidas como reservas indígenas – pertencentes ao povo Nambikwara. Das intervenções propostas para as aldeias indígenas Nambikwara, destacamos nesse estudo: (i) Traços e Culturas: Identidade Genética; (ii) Inclusão Social do Idoso; e (iii) Aprendendo e Lendo com Alegria, pois contemplaram práticas de letramento literário como processo de ensino-aprendizagem.

As duas aldeias indígenas pertencentes ao povo Nambikwara, apresentadas neste estudo, são Mutum e Cabeceira, e estão localizadas na região de cerrado no município de Comodoro (MT). Os Nambikwara (variações na etimologia, Nambiquara, Nambicuara e Nhambicuara) falam sabanê (poucos) ou falam línguas da família linguística *Nambiquara*.

A figura 1 é uma sequência de registros, feitos durante a expedição, que nos apresentam características particulares do povo Nambikwara, como: os marcantes traços genéticos, a íntima relação com os frutos Urucum (com coloração avermelhada) e Jenipapo (com coloração escura), ambos utilizados para extração de pigmentos naturais que se tornam pinturas repre-

sentativas nos rituais e festividades, e, por fim, a conexão estabelecida como resposta às ações educativas efetuadas pelas práticas de letramento literário.



Figura 1 – Registros fotográficos do povo Nambikwara

Fonte: Compilação dos autores¹

Quanto à comunicação, o português é uma língua à qual esses indígenas possuem acesso, mas seu desenvolvimento e entendimento é bastante heterogêneo nas aldeias, sendo notória pouca compreensão pelas crianças com menos de seis anos e idosos (BRAGA; TELLES, 2014). As mulheres, por exemplo, têm uma compreensão do português inferior à dos homens, e estes, apesar de compreenderem a língua, não o fazem com a mesma fluidez da língua nativa. É possível identificar, em campo, que esses povos possuem interesse em aprender a ler e escrever na língua portuguesa. Esse interesse está muito associado às expectativas em relação à vida fora da aldeia, ou melhor, às reivindicações de seu povo. Vale a reflexão para uma educação que prepare esse povo, também, para a defesa de seus interesses, e não apenas para vida aldeã (BRAGA; TELLES, 2014).

¹ Montagem a partir de imagens feitas pela professora em expedição na operação Tuiuiú, Projeto Rondon- Lição de vida e cidadania, estando em domínio público, disponíveis em: <http://www.unesc.net/portal/blog/index/281/29/128/0/0/10>. Acesso em 14 de jul. 2022.

Sem dúvidas, o povo Nambikwara é um grupo de resistência, possui ampla distribuição em nosso país, principalmente no estado do Mato Grosso, sendo maioria no município de Comodoro. São providos de uma cultura singular, que, ao mesmo tempo em que aparenta ser simples, se integra em um universo complexo de significados e simbologias. Apesar de estarem fortemente atrelados à cultura aldeã, mantendo sua identidade e resistindo às mudanças e pressões sociais, é um povo que busca compreender e se integrar nessa sociedade mista, não se excluindo, pelo contrário, buscando essa integração para permanecer na luta pela garantia de seus direitos.

É relevante destacar que, frente às propostas sociais que integram a missão humanitária do Rondon, a pesquisa e busca por metodologias de ensino estratégicas têm um papel fundamental na elaboração de ações educativas que sejam verdadeiramente significativas e que mobilizem atitudes conscientes em relação à articulação do desenvolvimento integral. Nesse sentido, dentre as práticas eminentes desse projeto, escolhemos para análise aquelas realizadas com literaturas, buscando identificar suas dimensões educativas na promoção de uma educação transformadora, que integra o ser humano com o outro, com o ambiente e consigo mesmo.

LETRAMENTOS LITERÁRIOS: PRÁTICA SOCIAL POR MEIO DA COMUNICAÇÃO, EXPRESSÃO E COMPREENSÃO

Em um mundo com ampla diversidade e dissensões sociais de diferentes ordens, a literatura convida o leitor a pensar o seu lugar no mundo e a sua relação com os outros. Assim, a educação literária busca dotar o leitor de um conjunto de saberes culturais, literários e sociais que o auxiliem na sua competência literária e intertextual.

A educação literária ultrapassa, assim, o nível do ensino-aprendizagem da literatura – o aprender a ler os textos como literários, obedecendo à convenção estética ou ao protocolo de ficcionalidade, ou o aprender a apreciar a literatura –, referindo-se ao desenvolvimento de competências que permitem ler o mundo de uma forma sofisticada e abrangente e contribuem para a formação de sujeitos críticos, capazes de ler e interrogar a práxis (AZEVEDO; BALÇA, 2016, p. 3).

Quando adentramos na área dos “letramentos” - em diferentes países, a saber, *illettrisme* (França), *litteracy* (Estados Unidos e Inglaterra), *literacia* (Portugal), enfatizamos a natureza social dessa terminologia. Defendemos, com base em Street (2014, p. 9), “um modelo ideológico de letramento no qual as práticas letradas são produtos da cultura, da história e dos discursos e nas relações de poder a ele associadas”.

Nesse contexto, as práticas de letramentos referem-se tanto ao conceito de prática² como é empregado nos Novos

Estudos de Letramento (STREET, 2000), quanto às dinâmicas que envolvem atividades integradas de leitura e escrita de textos literários no âmbito escolar ou em ambientes não formais, como na comunidade indígena Nambikwara.

Tomado o conceito de letramento, podemos, então, refletir sobre letramento literário como a condição daquele que não só é capaz de ler e compreender gêneros literários, mas aprecia a literatura pela descoberta de uma experiência de leitura distinta, associada ao prazer estético. O termo “letramentos literários” abrange eventos e práticas literárias diversificados envolvendo leituras, escutas, ilustrações, performances e/ou escritas literárias (NEVES; JÚNIOR, 2021).

Os letramentos literários favorecem o acesso a diferentes saberes sobre a cultura de povos e lugares desconhecidos, seja do universo fictício ou real. Portanto, a interação com textos e autores literários, apresentada neste estudo por meio da contação de histórias realizadas em comunidades indígenas, proporciona um conhecimento de mundo, estabelecendo conexões e relações intertextuais, inferindo muito daquilo que se diz ou que não se explicita abertamente.

Os letramentos literários desenvolvidos no projeto Rondon - Operação Tuiuiú com as obras literárias *Menina Boinita do Laço de Fita*, da autora Ana Maria Machado, e *A Promessa do Girino*, de Je-

escrita desenvolvidos por diferentes grupos sociais e culturais, a partir de diferentes finalidades de uso de tipos específicos de textos, que irão depender de contextos específicos.

² Para os pesquisadores dos Novos Estudos do Letramento (do inglês *The New Literacy Studies*), doravante NEL, reúnem um conjunto de trabalhos de pesquisadores que fazem parte do Grupo de Nova Londres (*The New London Group*). A noção de prática situa-se em usos diferentes da leitura e da

anne Willis, efetivaram-se por meio de ações educativas que envolveram leitura e oralidade, mediante narrativas, como prática social e trocas de conhecimento entre grupos falantes de idiomas diferentes - Língua Portuguesa e Nambikwara. Portanto, a literatura, através de letramentos literários com o envolvimento de narrativas, aproximou esses grupos falantes de idiomas diferentes e solidificou a interação social entre eles por meio da linguagem. Os recursos usados para contação de histórias, tais como entonação, gestos, interferências por meio de exemplos, diálogos com outros textos e questionamentos favorecem a intimidade com os textos. A voz que traz o texto aproxima o ouvinte do livro que lhe está sendo apresentado através dessa vocalidade que dá significado, cor e sentidos. Yunes (2012, p. 64) refere-se à necessidade de “tornar os livros legíveis pela audição”. Para a autora, ouvir favorece a compreensão do texto oral, a possibilidade de aproximar-se das diferentes formas de se expressar, de dizer o que pensou, de expressar o que imaginou. A relação do texto oral pode apoiar a compreensão do escrito.

Tal processo de interação social, que integra esse tipo de letramento, pode ser reiterado na fala de Rildo Cosson (2012), autor que instiga a pensar sobre a potência dos letramentos literários, quando discute essa prática como fundamental no processo de ensino-aprendizagem.

Estamos diante de um equívoco ao tratar a literatura literária como uma atividade tão individual que não poderia ser compartilhada, mas já sabemos que é justamente o con-

trário. O efeito de proximidade que o texto literário traz é produto de sua inserção profunda em uma sociedade, é resultado do diálogo que ele nos permite manter com o mundo e com os outros. (COSSON, 2012, p.28).

Cosson (2012) afirma, ainda, que o trabalho com o texto literário deve privilegiar o letramento literário, e este, por sua vez, ser orientado por etapas de processos de leitura – comprovação de leitura, ampliação da leitura por meio das relações entre texto e leitor. O autor, fundamentando-se em Halliday, defende que o letramento literário precisa dar ao leitor condições de construir saber literário, pois “[...] a literatura é uma linguagem que compreende três tipos de aprendizagem: a aprendizagem da literatura [...], a aprendizagem sobre a literatura [...] e a aprendizagem por meio da literatura” (COSSON, 2012, p. 47).

Na construção da aprendizagem, os letramentos literários integram a literatura à vida de todos os homens, pois, como adverte Candido (1995, p. 174), “Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação”. Nesse sentido, o contato com a literatura afasta o leitor de possíveis passividades diante de situações conflituosas e aproxima mundos que antes eram distantes e desconhecidos, permitindo, assim, uma humanização da literatura responsável, neste projeto, pelo estreitamento de laços entre culturas distintas, fazendo-se entender mesmo em idiomas diferentes. O conceito de humanização, tomado de Candido, é essencial neste estudo:

Entendo aqui por humanização [...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. (CANDIDO, 1995, p. 180).

O letramento na literatura indígena, por sua vinculação à tradição oral e construção multimodal, desafia o leitor/receptor. Os textos indígenas possuem uma complexidade em termos de gênero, autoria, multimodalidades, além de percepções culturais da realidade, que exigem do leitor um reposicionamento cultural, ao mesmo tempo que motivam a interação com o outro a partir da literatura. Daniel Munduruku, escritor indígena, afirma que o papel da literatura indígena é ser portadora da boa notícia do (re)encontro. Ela não destrói a memória na medida em que a reforça e acrescenta ao repertório tradicional outros acontecimentos e fatos que atualizam o pensar ancestral (MUNDURUKU, 2018, p. 83).

Na interação social, proporcionada pelo Projeto Rondon/Operação Tuiuiú, entre a professora e povo Nambikwara, a literatura foi o “fio de tecelã”. Partindo dela, a professora pôde envolver a comunidade indígena em um processo dialógico de construção do conhecimento, rompendo, inclusive, com obstáculos entre idiomas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Dos documentos analisados – planejamento, diário reflexivo da professora e registros fotográficos –, separamos para exposição manifestações que denotam práticas de letramento literário se constituindo como prática educativa através das atividades de contação de histórias. Nesse sentido, encontramos, nos registros diários da professora, frases que apontam a atividade literária como o instrumento para o encontro de “mundos” em contextos tão diferentes, para o estabelecimento de uma comunicação dialógica, para a construção de conhecimentos a partir dessas interações e troca de saberes.

Dessa forma, apresentamos, em primeiro plano, discursos que apresentam uma leitura particular, sob a ótica da professora rondonista, sobre o contexto vivido, mostrando-nos alguns desafios encontrados que influenciaram diretamente na escolha da contação de conto como instrumento pedagógico. Logo, apresentamos as principais características, desafios e manifestações que emergiram de cada atividade proposta.

Apesar das pesquisas realizadas previamente sobre os Nambikwaras, para a construção do planejamento, me deparei com uma realidade singular e desafiadora. Primeiro, o estranhamento pelo desconhecido de ambas as partes. Segundo, diferentemente do que muitas pesquisas relatam, eram poucos os indígenas que tinham efetiva comunicação através da língua portuguesa. As crianças e idosos quase não falavam em português e tinham pouco entendimento. Os homens jovens tinham boa compreensão e boa comunicação, mas ainda com limitações. Esses dois

elementos, para mim, foram impactantes, porém não limitantes, pois logo pensei: como realizar uma ação educativa sem uma comunicação efetiva e sem os laços de confiança estabelecido? (Relatório diário, professora rondonista, escrito em 24.07.2011).

Gosto de dizer que quem abriu essa porta foi a “Menina Bonita do Laço de Fita”, literatura infantil, escrita por Ana Maria Machado que mostra o diálogo entre uma menina e um coelho que tentam descobrir a origem da cor da pele da menina. Assim que o Pajé reuniu o pessoal no espaço utilizado para o movimento de educação indígena, peguei meu álbum ilustrado, confeccionado de forma artesanal por mim mesma com base no livro físico, para ser utilizado como recurso de contação e iniciei a contação, muito nervosa e preocupada com o não entendimento [...] (Relatório diário, professora rondonista, escrito em 25.07.2011).

Todos atentos, olhavam as imagens do álbum ilustrado, ouviam a história, e, finalmente, interagiam! Riam nos momentos engraçados, apontavam para as imagens... e, então, a tranquilidade adentrando aquele espaço, na certeza, de que, a

partir dali o diálogo e as trocas iriam acontecer [...] (Relatório diário, professora rondonista, escrito em 25.07.2011).

As literaturas que protagonizaram as ações educativas foram: (a) *Menina Bonita do Laço de Fita* e (b) *A Promessa do Girino*, contextualizando os diálogos acerca de: hereditariedade, inclusão social do idoso e educação ambiental. A seguir, essas práticas educativas são apresentadas conforme planejamento e registro diário da professora, evidenciando as dimensões educativas que os letramentos literários podem apresentar na construção de sentidos. Os dados estão organizados em quadros para melhor visualização e análise, seguindo a ordem cronológica em que ocorreram.

Quadro 1 - Análise sobre a ação educativa sobre “Traços e Cultura – Identidade Genética”

Tema:	Traços e Cultura - Identidade Genética
Objetivo	Dialogar sobre o conceito de hereditariedade e seu valor na identificação e valorização do estereótipo genético.
Público-Alvo	Aldeia Mutum Nambikwara – Comodoro (MT)
Literatura	<i>Menina Bonita do Laço de Fita</i> , de Ana Maria Machado
Perguntas que nortearam o diálogo	<ol style="list-style-type: none"> 1. Por que a menina bonita do laço de fita inventava explicações ao Coelho acerca de ela ser negra? 2. Por que as tentativas do coelho para tentar ficar preto fracassavam? 3. Qual(is) é (são) o(s) sentido(s) desse conto?
Algumas respostas obtidas durante o diálogo	<i>Porque precisamos entender que somos parecidos; porque precisamos conhecer nossa origem; porque não conseguimos ser diferentes da nossa origem; porque não podemos ser igual outra pessoa; porque cada um nasce do seu jeito e não muda; entender que nossos filhos sempre vão vir parecidos com a gente; para a gente entender que cada um tem seu jeito e não dá para mudar. [...] (Relatório diário, professora rondonista, escrito em 25.07.2011).</i>
Condução após os questionamentos	Após os questionamentos e o levantamento de conhecimento prévios e interpretações da história, foi apresentado o conceito de hereditariedade e observado esse fator nos personagens da história (coelho e menina); em outros exemplos, contemplando diferentes espécies de animais e plantas (usando ilustrações de livros locais da aldeia), observando uns aos outros e dialogando sobre valorização que levou a prática para outros rumos.
Outras reações apresentadas pela comunidade indígena	A contação de história motivou o Pajé a buscar por registros feitos pelo seu povo, contando um pouco da sua história. Além disso, o Pajé e outros membros, convidaram a equipe de rondonistas para uma saída a campo pela aldeia, apresentando os adereços festivos e seus significados, a forma de cultivo realizada na aldeia, a produção de artesanato e um pouco da alimentação.
Reflexões sobre letra-	Cosson (2012) orienta que a seleção de textos literários se atente a três parâmetros:

mento literário	(i) a presença do cânone como forma de legado cultural de uma sociedade; (ii) a atualidade dos textos; (iii) e a diversidade dos gêneros e textos, partindo do que é conhecido para o desconhecido, da leitura simples para a mais complexa, a fim de que o ouvinte relacione os conhecimentos da leitura com os do seu meio social.
-----------------	--

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Para além dos registros escritos, as fotografias (figura 2) retratam três fortes evidências sobre o poder do letramento literário como um fator de aproximação entre “mestre e aprendiz”, possibilitando a troca entre iguais e permitindo a horizontalidade no processo de ensino-aprendizagem, são eles: o momento da contação, a reação dos ouvintes e a interação por meio das trocas de ferramentas e experiências.



Figura 2 - Contação de História “Menina Bonita do Laço de Fita” sendo realizada na Aldeia Mutum, Comodoro (MT), em 25/07/2011
Fonte: Compilação dos autores³

A obra literária *Menina Bonita do Laço de Fita* foi essencial na construção de sentido, na medida em que motivou os sujeitos envolvidos a expressarem suas percepções sobre as diferenças e características próprias de cada indivíduo, iniciando pela observação entre as personagens do conto e expandindo sua compreensão para outras realidades. A prática motivou os indígenas a refletirem sobre seus antepassados e suas condições genéticas, incentivando a valorização das identidades (STREET, 2014) de cada sujeito.

Quadro 2 – Análise sobre a ação educativa sobre Inclusão Social do idoso

Tema:	Inclusão Social do Idoso
Objetivo	Conscientizar a população jovem sobre a importância de valorizar, cuidar e incluir o idoso nas práticas cotidianas, por meio da compreensão sobre as metamorfoses que ocorrem naturalmente em nosso organismo, decorrente do processo de envelhecimento.
Público-Alvo	Aldeia Cabeceira – Nambikwara – Comodoro/MT
Literatura	<i>A Promessa do Girino</i> , de Jeanne Willis e Tony Ross
Relato Pessoal da Professora	<i>Em 27 de junho de 2011, chego na Aldeia Cabeceira, para um diálogo reflexivo e conscientizador sobre a inclusão social do idoso. Para essa prática educativa, construí um avental de contação de contos para ilustrar e dinamizar a história “A Promessa do Girino” de Jeanne Willis e Tony Ross. Essa literatura foi base para construção de sentidos, acerca da inclusão social do idoso, pois contextualizou o diálogo com uma apresentação e conversação sobre as mudanças biológicas que ocorrem no corpo. Gosto dessa história, pois ela nos leva a perce-</i>

³ Montagem a partir de imagens feitas pela professora em expedição na operação Tuiuiú, Projeto Rondon- Lição de vida e cidadania, estando em domínio público, disponíveis em: <http://www.unesc.net/portal/blog/index/281/29/128/0/0/10>. Acesso em 14 de jul. 2022.

	<i>ber a metáfora da borboleta e sapo como representantes da transformação de um ser vivo ao longo do seu desenvolvimento, traçando um comparativo com as mudanças pelas quais nós, seres humanos, passamos. Essa literatura fala sobre o romance entre um girino e uma lagarta, que encantados um pelo outro, prometem que nunca vão mudar. Nem preciso relatar aqui como essa história termina, quando a condição é de não aceitação sobre as transformações (Relatório diário, professora rondonista, escrito em 27.07.2011).</i>
Perguntas que nortearam o diálogo	1. Vocês conhecem outros animais, como a lagarta e o girino, que sofrem mudanças no corpo em seu desenvolvimento? 2. Qual foi o grande problema dessa história? 3. Todos nós passamos por mudanças. Vocês conseguem percebê-las desde que eram crianças até hoje?
Algumas respostas obtidas durante o diálogo	<i>Outros animais citados: mosquitos, moscas, serpentes (que trocam de pele), alguns peixes; A promessa não poder ser quebrada; não entender as mudanças; Não conhecer o outro; Não respeitar as mudanças que apareceu no girino; Essa questão não teve respostas imediatas, ficou mais no ato reflexivo. (Relatório diário, professora rondonista, escrito em 25.07.2011).</i>
Condução após os questionamentos	Diante dos questionamentos, respostas e reflexões realizadas, conversamos sobre as mudanças corporais que vão surgindo em nosso organismo e sobre as limitações que surgem com o envelhecimento. Levantei questões sobre situações em que o idoso, muitas vezes, pelas suas limitações decorrentes do próprio envelhecimento, não é respeitado, sendo, muitas vezes, alvo de violência em atos de covardia. Por fim, foram questionados sobre dois pontos: (a) acontecem situações de desrespeito ao idoso aqui nessa ou em outras aldeias? (b) Vocês mudariam alguma coisa do final da história?
Outras reações apresentadas pela comunidade indígena	Ao fim do processo de diálogo e construção de conhecimento, a roda de conversa foi dividida em três momentos: o primeiro, foi o relato de um indígena sobre o consumo de álcool, que, por muitas vezes, o fez ter atitudes violentas, inclusive com anciões da aldeia; o segundo, foi a busca por um livro ilustrado e de autoria, todo feito à mão, sobre o Jaó e uma Jaguatirica, ambos animais típicos do cerrado; o terceiro ponto, fechamento desse diálogo, foi sobre o final da história, momento em que muitos relataram sobre um possível diálogo entre as duas personagens protagonistas, um entendimento da situação e um final “feliz”.
Reflexões sobre letramento literário	Essa ação educativa nos remete a uma função do letramento literário que permite ao leitor elaborar e testar hipóteses sobre o que está no texto, criando estratégias para explorar essa literatura com base naquilo que já sabe sobre o mundo, realizando essa relação fundamental para a construção de sentidos (COSSON, 2012, p. 39).

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2022.



Figura 3 - Contação de História *A Promessa do Girino* sendo realizada na Aldeia Cabeceira, Comodoro (MT), em 27/07/2011 | Fonte: Compilação dos autores⁴

⁴ Montagem a partir de imagens feitas pela professora em expedição na operação Tuiuiú, Projeto Rondon - Lição de vida e cidadania, estando em domínio público, disponível em: <http://www.unesc.net/portal/blog/index/281/29/128/0/0/10>>. Acesso em 15 abr. 2022

Os registros fotográficos (figura 3) dessa contação de história evidenciam os processos de interação e troca de conhecimento por meio do diálogo motivado pelas práticas de letramento literário, ou seja, é possível visualizar as trocas de experiências e saberes ocorrendo durante a prática de letramento literário para o diálogo sobre a inclusão social do idoso, através do entendimento e respeito para com as transformações e diversidades

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo apresentou uma análise sobre duas ações educativas realizadas por uma professora durante expedição com a comunidade indígena Nambikwara, que fez uso de contação de histórias como instrumento pedagógico, no intuito de apontar indícios que evidenciam dimensões educativas nos letramentos literários.

Dessa forma, compreende-se que as dimensões apresentadas podem ser classificadas em três tipos: (a) conhecimento; (b) criação; e (c) sistematização. O “conhecimento” é interpretado com apoio de indícios que marcam a aprendizagem voltada para os conceitos explorados, como hereditariedade e inclusão social do idoso. Na dimensão “criação” foram apresentados os sinais/expressões que evidenciam a construção de sentido, ou seja, os momentos em que o sujeito estabelece relações entre o que está sendo explorado com a sua realidade, revelando compreensão sobre os conhecimentos mobilizados. Na dimensão “sistematização”, apresentam-se as formas de manifestação daquilo que foi aprendido.

Na obra literária *Menina Bonita do Laço de Fita*, o conhecimento centralizou-se no conceito de hereditariedade; o processo de criação resultou na construção de sentido manifestado por meio das trocas de experiências realizadas em campo, demonstrando a valorização da cultura e, principalmente, das suas origens. A sistematização ocorreu com a reprodução da

história sobre os costumes da aldeia mediante a exposição oral sobre a história da aldeia, usando representações ilustrativas.

Com o livro *A Promessa do Girino*, o conhecimento concentrou-se em mudanças biológicas que ocorrem em todos os seres vivos que estão em desenvolvimento, não em apenas alguns animais; o desenvolvimento da criação ocorreu com a construção de sentido evidenciado no depoimento do indígena sobre atitudes violentas decorrentes do consumo de bebida alcoólica, no diálogo estabelecido entre a história do livro e o desrespeito com os idosos. A sistematização aconteceu com a busca por material autoral de um dos membros da comunidade indígena para partilha de conhecimento.

Portanto, pode-se dizer que nas interações que houve entre a professora e os integrantes da comunidade indígena Nambikwara por meio da linguagem, sentidos foram, assim, “[...] sendo redimensionados, tanto para servirem ao propósito enunciativo do locutor, como para fazê-lo reajustar os seus modelos linguísticos às situações enunciativas” (KOERNER, 2009, p. 47).

As literaturas são objetos potencializadores e veiculadores de educação transformadora, pois promovem oportunidades de aprendizagem crítica e reflexiva e estreitam laços entre culturas. A literatura, neste estudo, é vista como um bem cultural que contribui para o desenvolvimento da educação estética, da sensibilidade, da concentração, dos aspectos cognitivos e linguísticos, do exercício da imaginação e favorece

o acesso aos diferentes saberes sobre a cultura de povos e lugares desconhecidos, seja do universo fictício ou real.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1995.

AZEVEDO, F.; BALÇA, Â. Educação literária e formação de leitores. In: AZEVEDO, F.; BALÇA, Â. (Org.). **Leitura e educação literária**. Lisboa: Pactor, 2016. p. 1-13.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1988.

BALÇA, Â.; COSTA, P. Leitura e educação literária: da viagem possível às restrições do mapa. **Ensino Em Re-Vista**, Uberlândia, v.24, n.1, 2017. p. 201-220.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. 4. ed. Lisboa: Edições 70, 2021. Tradução de: Lúí Antero Reto e Augusto Pinheiro.

BRAGA, A. G. M.; TELLES, S. O **comportamento do traço laringal em línguas nambikwára do norte**: comparação entre o latundê e o negarotê. *Revista Linguística*, v. 10, n. 2, 2014.

CANDIDO, A. O direito à Literatura. In: CANDIDO, A. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p.169-191.

COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

KOERNER, R. M. **A relação entre gêneros discursivos, estilo individual e a aquisição da escrita**. *Atos de Pesquisa em Educação*, v. 4, n. 3, 2009. p. 526-550.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. 2. ed. São Paulo: Epu, 2013.

MACHADO, A. M. **Menina bonita do laço de fita**. Rio de Janeiro: Ática, 1986.

MUNDURUKU, D. **Escrita indígena: registro, oralidade e literatura O reencontro da memória. Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção**. Porto Alegre: Editora Fi, 2018.

NEVES, C.; BUNZEN JÚNIOR, C. Letramentos literários na contemporaneidade: criticidade e subversão. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 60, 2021. p. 608-611.

RONDON, Instituto. **Projeto Rondon**. 2022. Disponível em: <https://institutorondon.com.br/>. Acesso em: 09 ago. 2022.

SOARES, M. **Letramento, um tema em três gêneros**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

STREET, B.V. Literacy events and literacy practices: theory and practice in the New Literacy Studies. In: M. M. Jones & K. Jones (Ed.). **Multilingual Literacies: reading and writing different worlds**. Amsterdam: John Benjamins, 2000.

STREET, B.V. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2014.

TRIVIÑOS, A. N. S. Três enfoques na pesquisa em ciências sociais: o positivismo, a fenomenologia e o marxismo. In: TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, p. 30-79. 1987.

UNESC. **Projeto Rondon - Lição de vida e cidadania**. 2011. Disponível em: <https://www.unesc.net/portal/blog/index/281/29/128/0/0/10>. Acesso em: 09 ago. 2022.

WILLIS, J. **A promessa do girino**. São Paulo: Ática, 2004.

YUNES, E. Contar para ler: a arte de contar histórias e as práticas de leitura. In: Moraes, Fabiano e Gomes, Lenice (org.) **A arte de encantar: o contador de histórias e seus**

olhares. Ilustrações de Tati Móes. São Paulo, Cortez, 2012.

SOBRE AS AUTORAS:

Luciana Fidelis de Souza da Costa é Professora efetiva da rede pública de Navegantes. Doutoranda em Educação pela Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB), Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); Pós-graduada em Gestão Escolar pela Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI); Graduada em Letras Português - Inglês pela Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB). Participa do Grupo de Pesquisa Linguagens e Letramentos na Educação (FURB). Bolsista do Programa UNIEDU/FUMDES Pós-Graduação

Aline Coêlho dos Santos é Doutoranda em Educação, na Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB); Mestre em Tecnologias da Informação e Comunicação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), atuando na linha de Pesquisa referente à Tecnologias Educacionais; Pós-graduada em Auditoria e Perícia Ambiental (UNESC); Graduada em Ciências Biológicas - Licenciatura (UNESC). Ocupação atual: Educadora Ambiental, Produtora de Conteúdo Educativo Digital e Professora YouTuber no Canal Primatas Biologia.

Adriana Fischer é Professora na Fundação Universitária Regional de Blumenau (FURB), Brasil, no Departamento de Letras, e no Programa de Pós-Graduação em Educação. Mestre e doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Brasil, com doutorado sanduíche e pós-doutorado pela Universidade do Minho (UM), Portugal. Líder do grupo de pesquisa, CNPQ, Linguagens e Letramentos na Educação (FURB).